

## **O PENSAR NA ESCOLA: O QUE PODE A FILOSOFIA?**

[THE THINKING IN SCHOOL: WHAT CAN PHILOSOPHY DO?]

Walter Omar Kohan

*Professor titular da Universidade do Estado do Rio de Janeiro/UERJ. Pesquisador do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e do Prociência (UERJ/FAPERJ). Coordena desde 2007 o Projeto de Extensão em Escola Pública (Em Caxias a Filosofia encaixa?/UERJ/FAPERJ) e Projetos de Pesquisa Interinstitucionais junto à Universidades Nacionais e Internacionais.*

*(E-mail: [wokohan@gmail.com](mailto:wokohan@gmail.com))*

Recebido em: 23 de abril de 2018. Aprovado em: 15/05/2018

## O pensar na escola: o que pode a filosofia?

KOHAN, Walter O.

Boa noite a todos e a todas<sup>1</sup>. Agradeço muito o convite da Reilta, também sinto muita emoção, vem assim na minha cabeça agora a primeira vez que nos encontramos com Reilta, quando ela tinha se escrito no doutorado, era 2011, 2012 em Natal, em Recife?

**PROFA. REILTA:** Sim, foi no II Congresso Brasileiro de Professores de Filosofia, em Recife.

**PROF. WALTER:** Passaram quatro anos e chegou esse livro<sup>2</sup>, é uma coisa muito boa de sentir que partilhamos um trabalho que fez com que Reilta hoje possa mostrar como é. Eu tenho também orgulho desse trabalho fruto dos anos de estarmos juntos, então realmente voltar agora, como no final dessa etapa é uma alegria muito grande.

Agradeço também a presença de vocês, vejo aqui muitas caras que estavam da outra vez quando vim, então eu vim agora, inclusive, meio para sugerir para vocês que é importante nós consigamos (refletir) o sentido de minha presença aqui é provocar com vocês algum pensamento, algo que ajude a vocês a ver alguma coisa que não viam, pensar alguma coisa que não pensavam e que também isso signifique para mim uma oportunidade de pensar. Mas ainda, quando a fala tem como título “O pensar na escola: o que pode a filosofia então?”, gostaria que fizéssemos um exercício de pensamento. Pensar significa fazer algo com o outro e geralmente pensamos a partir de uma pergunta, ou seja, não que seja a única maneira, mas a pergunta é aquilo que inicia o pensamento, a pergunta pode manifestar um problema e é o problema que nos faz pensar, de alguma forma então vocês percebem que a pergunta seria algo assim como uma infância do pensamento... Onde o pensamento se inicia, onde um pensamento começa, onde nasce um pensamento, ou seja, um pensamento nasce a partir de uma pergunta.

Então, eu gostaria que vocês estivessem pensando a medida que eu apresento algumas ideias: o quê que isso gera em vocês? Que pergunta isso faz pensar? Por onde vocês gostariam de começar a pensar, para que pensemos juntos a partir dessa relação de pensamento, Filosofia e Escola... Então, vou falar até mais ou menos por volta de umas... são 20h:15min, né? Até umas 21:00 então, ou um pouco menos, até que horas vai?

---

<sup>1</sup> Conferência proferida na VII Semana de Filosofia do Campus Caicó, em 08/12/2016.

<sup>2</sup> CIRINO, Maria Reilta Dantas. Filosofia com crianças: cenas de experiência em Caicó (RN), Rio de Janeiro (RJ) e La Plata (Argentina). Rio de Janeiro: NEFI, 2016. (Coleção: Teses e Dissertações). ISBN: 978-85-93057-02-1.

**O pensar na escola: o que pode a filosofia?**

KOHAN, Walter O.

**PROFA. REILTA:** Até as 22h.

**PROF. WALTER:** Então, falo até umas 21h, mais ou menos uns 45 minutos, mas se vocês quiserem interromper, fazer alguma pergunta, ou o que seja, podem fazer a qualquer momento. Na verdade, sinceramente, não tenho uma coisa para lhes dizer. Assim, não se assustem com o que vou falar agora nesses cinco minutos. Não tem uma coisa que eu precise dizer, e que suponha que é importante que vocês saibam, não tem isso, ou seja, o que vou falar são somente ideias para tentar provocar o pensamento em vocês, para que vocês encontrem alguma pergunta no que eu falo e é importante que vocês percebam que na maneira que nós nos apresentamos não é só o que nós falamos que conta, não é só o conteúdo do que dizemos que transmite alguma coisa, é também a forma com que falamos, da mesma forma quando faço a pergunta penso que no livro *O Mestre Ignorante*, que muitos de vocês devem ter conhecido, e ajuda muito a pensar, ou seja: o que aprendemos quando aprendemos o que aprendemos? O que aprendemos quando aprendemos o que alguém pretende nos ensinar? Nós aprendemos o que alguém ensina, aprendemos um conteúdo, é verdade, uma criança, Rodrigo por exemplo, nas aulas de música, ele aprende teoria e prática musical, aprende a tocar uma música, aprende a cantar, aprende um conteúdo, digamos assim. Mas, ele também aprende uma relação com a música, uma maneira de se perceber a si mesmo, em relação com a criação, com a produção musical, é isso que também aprendemos numa escola, quando uma professora ensina matemática, ensina um conteúdo. Um aluno não aprende apenas o conteúdo que a professora ensina, aprende uma relação com a matemática, uma maneira de se pensar a si próprio em relação com o que faz a matemática. E mais ainda na Filosofia, quando um professor ensina filosofia, o aluno não aprende apenas o conteúdo que o professor ensina, se o professor ensina Kant, por exemplo, *A crítica da Razão Pura*, “A Analítica Transcendental”, o aluno não aprende apenas o conteúdo que o professor ensina, sobretudo, ele aprende a estabelecer uma relação com o filósofo em questão e as ideias desse filósofo.

Então é isso que quero que vocês coloquem, é por isso que não quero transmitir uma coisa para vocês como se isso fosse importante, na verdade o que eu quero transmitir é uma certa relação com o pensamento, um certo início para pensar a partir de uma pergunta e que vocês na minha intervenção se sintam provocados a pensar muito mais do que a dar atenção ao conteúdo que eu coloque.

## O pensar na escola: o que pode a filosofia?

KOHAN, Walter O.

Penso ser importante falar da relação. Agora a pouco Marcos Von Zuben me ofereceu uma palavra que eu não tinha parado muito para pensar nela, mas sei que depois eu vou ficar pensando, então Marcos me ofereceu agora uma palavra de um colega que está pesquisando, a palavra é “improvável”, que eu não tinha parado para pensar, é uma palavra que sei que vai me fazer pensar muito, a partir de agora. E é uma palavra que começa com “i”, não por acaso tem muitas outras palavras que começam com “i”, que são palavras “is”, inspiradoras para pensar a relação entre filosofia e escola. A palavra infância, como a palavra improvável, essa aí tem valor como o de uma ausência, como de algo que não tem. Infância significa sem voz, na etimologia, improvável significa sem probabilidade, há outras que são sumamente interessantes para pensarmos a relação entre filosofia e escola, como a palavra impossível, ou impossibilidade, como a palavra improvisar ou improvisação. A palavra improvisação é uma palavra super malvista em geral na filosofia, mas é uma palavra que eu defendo enfaticamente. Porque? Porque improvisar, não sei se vocês sabem, na etimologia “pro” significa antes, “visar” significa ver, improvisar significa não ver antes.

Pensa-se muito rapidamente e equivocadamente que improvisar é sinônimo de fazer a primeira coisa que vem à cabeça, ou ser espontâneo, ou não se preparar, não é? Pois, é, exatamente, ao contrário, na música por exemplo, no *Jazz*, os músicos para improvisar precisam se preparar, praticar muito juntos, para um dia poder improvisar; igual na pintura, Picasso, por exemplo, fez muito, muito exercício, muita, muita prática para, como ele diz, poder voltar a desenhar improvisadamente como um criança. Então, improvisar não significa fazer a primeira coisa, improvisar significa se preparar para sem antecipar, se preparar para ver sem ver antes de que de fato possamos ver. Ou pensar, pensar muito, pensar muito para não antecipar o pensamento do outro e o meu próprio pensamento. Para poder de verdade pensar, se preparar pensando para poder de fato pensar e não antecipar o que pode ou não ser pensado. Então improvisação...

**PROFA. NALVA:** A improvisação só dá até certo ponto, é uma coisa rápida, de imediato, mas se a gente estiver falando em educação, por exemplo, a improvisação já não dá muito certo, né? Porque você precisa ter uma sequência e aí, caso você não tenha, você pode se perder.

**PROF. WALTER:** Eu acho que não, penso que você se engana, você não achou bons improvisadores. Aqui temos um poeta, por exemplo, um bom improvisador, não é nada

## **O pensar na escola: o que pode a filosofia?**

KOHAN, Walter O.

rápido a improvisação. Ela exige uma ação repentina. Como se diz em português? Repentinamente. Repetida não. Repentina. Ela precisa de agilidade, precisa estar atento e à espreita, mas não é necessariamente rápido, ao contrário, ela precisa perdurar para provocar a formação contínua. Os músicos, de novo, são bons exemplos disso, os bons músicos podem ficar improvisando horas e quanto mais improvisam, mas se solta a criação, só que são muito poucos os que podem improvisar de verdade, porque improvisar exige uma grande preparação, porque em educação a improvisação é fundamental, é principal, porque um dos problemas principais, eu penso, da educação é quando o professor pensa que ele tem que antecipar o que o outro vai aprender, o que o outro precisa pensar, o que o outro vai perceber.

Isso diz respeito também a relação entre ensinar e aprender, nós pensamos que quem aprende, aprende o que o outro ensina e pensamos que quem ensina, ensina para que o outro aprenda. Isso é reduzir muito o ato de ensinar e aprender. Ensinar é uma coisa, aprender é outra, às vezes quem aprende, aprende o que o outro quer que ensine, às vezes aprende contra o que o outro quer ensinar, às vezes aprende em paralelo, às vezes aprende tocado, guiado, puxado, mas antecipar o que o outro quer aprender significa obturar a liberdade que todo ser humano tem de decidir, o que precisa ou não precisa aprender. E muito mais, muito mais ainda quando se trata de Filosofia, porque o que está em jogo é o próprio pensamento.

Então, como dizia anteriormente, o que alguém aprende de um professor de filosofia (ou de qualquer outra coisa) não é apenas o conteúdo que o professor quer ensinar e transmitir, o que o outro aprende; o exercício que o outro faz de aprendizagem é a partir de uma relação que quem ensina provoca, permite e estimula no outro a relação, com os problemas, com os autores, com a temática que está tentando. Mais ainda, muito mais ainda em filosofia é importante não ver antes de ver, não pensar antes de pensar, é o que muitos filósofos dizem da relação entre o ver e pensar. Pensar significa sobretudo ver, sobretudo aumentar o campo da visão, do que pode ser visto, da sensibilidade. Então o que está em jogo é nada menos de quanto, ou como deixamos o outro aumentar o campo do que pode ver e pensar para a partir disso viver. A improvisação então é fundamental, é importantíssima, os filósofos deveriam celebra-la, cuida-la, em vez de critica-la sem sequer aprofundar-se nela.

Mas eu não queria falar de improvisação, apenas estava a dar um exemplo, ainda bem que a Reilta tem um relógio aqui, que vou olhar assim de vez em quando. O Marcos me disse que Joana Tolentino trabalhou na segunda-feira, terça-feira a questão da improvisação no

## O pensar na escola: o que pode a filosofia?

KOHAN, Walter O.

ensino de filosofia, vejam com calma isso. Deem um pouco de atenção, confiem que vale a pena pensar um pouco mais na improvisação e na próxima vez que eu voltar a gente conversa mais sobre ela. Tem ainda a invenção, também, que eu não vou falar hoje, mas a invenção, esse “in”, não é o mesmo “in” de improvisar, de improvável, de infância, esse “in” não de ausência é um “in” de dentro, ou seja, *inventus*, em latim, é o que chega dentro, de fora para dentro, que chegou, que entrou. Então a invenção também ela não é necessariamente um produto de uma mente assim acordada, ela é sobretudo um ato de sensibilidade, de atenção, de hospitalidade, de abrir as portas para que alguma coisa chegue dentro.

Eu tenho trabalhado isso, a respeito de Simón Rodríguez e temos visto isto inclusive lá no grupo no NEFI, a partir dessa obra de Simón Rodríguez, *Inventamos ou erramos*, que é uma obra maravilhosa que vale a pena ler, filósofo de aqui perto e nem tão longe, venezuelano, *Inventamos ou erramos*, erramos pode querer dizer equivocar-se, não acertar. Mas, errar também significar errância, a viagem que não antecipa o lugar de chegada, que deixa que a própria viagem sinalize onde tem que ser dirigido, assim como o improvisado, permite que a própria experiência da sala de aula mostre o que precisa ser visto, o que pode ser visto sem ser antecipado, da mesma forma *Inventamos ou erramos* pode querer dizer que a errância, o sair do lugar é uma forma de invenção, uma forma de atenção. Por isso também, eu quero, na medida do possível, não ficar sentado para de alguma forma mínima ilustrar ou mostrar que o trabalho nosso não tem a ver com trazer os outros para o nosso lugar, mas com sair um pouco e ver o onde conseguimos chegar junto com eles. Então com essa introdução, outra palavra que começa com “in”, com essa introdução, sim?!

**PROFA. REILTA:** Você está buscando uma outra palavra que começa com “in” e hoje pela tarde na oficina com Marcos e Lindoaldo sobre o Ensino de Filosofia teve uma palavra que começa com “in” que nos foi muito cara, foi muito cara no sentido de ser preciosa, pois em mim provocou um movimento de pensar a partir da provocação que Marcos e Lindoaldo estavam propondo, sobre uma aula de filosofia. Então uma palavra que fez um movimento do pensar nas colocações que eu fiz lá foi a palavra “implicação”, que numa aula de filosofia para que elaboremos uma pergunta, precisamos estar implicados na pergunta, então essa palavra foi muito importante hoje à tarde para nós.

**PROF. WALTER:** Obrigado, ótimo essa palavra é muito legal. E poderíamos pensar, me fez lembrar uma outra que é “incorporar”, ou seja, ter o corpo dentro, dentro do

## O pensar na escola: o que pode a filosofia?

KOHAN, Walter O.

corpo, ou seja, tem a ver com o que disse Reilta, ou seja, não tirar o corpo fora, estar implicado, estar envolvido, está incorporado. Então queria falar com essa inspiração do improvável, da invenção, da implicação, da incorporação, um pouquinho da relação entre infância e filosofia, do que pode a filosofia na escola, do pensar na escola mas de uma forma diferente do que se costuma falar, ou seja, não no sentido do que a filosofia pode fazer com as crianças, com aqueles que habitam uma infância cronológica ou seja, não falar da filosofia como uma ferramenta na educação, na infância das crianças.

Quero falar, comentar na verdade, uma frase, acho que vamos ficar meio hora com essa frase, que diz um filósofo francês contemporâneo Jean-François Lyotard, num livro que justamente dedicou às crianças, que se chama *O Pós – Moderno: explicado às crianças*, a frase de Lyotard é a seguinte, e quero comentar essa frase com vocês depois. Lyotard diz assim: “Eu estabeleço uma relação entre infância e Filosofia que é diferente da que habitualmente estamos acostumados a pensar na lógica da formação da infância”. Lyotard diz, eu estou gerando uma espécie de suspense, alguém conhece a frase de Lyotard? Conhecem? É muito simples, diz assim: “A filosofia é a infância do pensamento”. A filosofia é a infância do pensamento e eu quero me deter um pouco mais nesta frase, porque ele dá duas razões para isso, ele desdobra isso de duas maneiras, eu queria comentar essas duas e acrescentar mais duas, em que sentido a infância é o pensamento e acho que com isso vamos chegar às 21 horas e aí eu quero que vocês, na verdade, chegamos de fato à infância da palestra, ou seja, ao começo. (Risos).

Na verdade eu estou preparando agora, estamos na pré-escola, estamos na pré-infância, ou seja, estou oferecendo a vocês, tentando oferecer à vocês, subsídios para de fato, para que vocês se coloquem com alguma pergunta e possamos começar a pensar e lembrem-se que trata-se disso, se trata de pensar e não é fácil começar a pensar, não é fácil encontrar um começo propício e próprio para pensar, porque claro, a gente pode, a gente pode pegar uma pergunta, sei lá de um filósofo... Podemos pegar uma pergunta qualquer, mas será que de fato estamos começando a pensar quando pegamos a pergunta que não é nossa pergunta, que não nos interroga, não nos coloca em pergunta, porque também não se trata apenas da pergunta enquanto pergunta, se trata do que fazemos com a pergunta. Ou melhor, do que deixamos que a pergunta faça conosco! Então, a pergunta às vezes vem e não é fácil encontrar algumas perguntas pelos efeitos que elas podem desencadear. Então é difícil começar a pensar, é difícil encontrar uma infância, veja como eu estou dando voltas.

## **O pensar na escola: o que pode a filosofia?**

KOHAN, Walter O.

Comecei com estas palavras tentando encontrar um começo, tentando encontrar, digamos, uma infância do pensamento, porque a infância do pensamento é onde o pensamento começa, onde começamos a pensar. E porque a filosofia seria a infância do pensamento? Lyotard diz que por duas razões: a primeira é possibilidade, porque infância e filosofia, as duas, são, digamos assim, o campo do possível em sua máxima expressão, ou seja, na infância literal, na infância cronológica, a vida, é como se a vida pode se tornar muitas vidas, ou seja, infinitas vidas são possíveis quando habitamos às infâncias, podemos habitar uma infinidade de vidas, o mundo da vida, é como se ele fosse diminuindo na medida em que vamos transitando a vida, mas quanto mais próximo do nascimento, mas amplo é o campo da possibilidade, mais vidas possíveis podemos viver e bisbilhotar. Com a filosofia acontece a mesma coisa no campo do pensamento, ou seja, na filosofia tudo é possível de ser pensado, se há um limite para o pensamento não há filosofia. Se alguém diz: “Não, isso não se pode pensar” então, não há pensamento. Assim, a filosofia é incompatível com a não possibilidade de pensar, então a filosofia e a infância são muito próximas, nesse sentido de que as duas habitam, ou afirmam, um campo cheio de possibilidades.

As coisas muitas vezes aparecem de uma única maneira. Hoje o Brasil está passando um momento muito difícil, em muitos sentidos, parece que há uma tendência de que as coisas teriam de ser de uma maneira, mas basta pensar para perceber que aquilo que se coloca como necessário na verdade é contingente e arbitrário, e nem poderia ser de outra maneira e no campo do pensamento tudo sempre pode ser de outra maneira. E é a partir de que pensamos alguma coisa que ela começa a ser de outra maneira, então filosofia e infância tem essa potência do possível, não do possível no sentido do que não é real, mas do possível no sentido de que aumenta o campo do real, que expande o campo do real, do que torna o real mais real ainda. O que pode acrescentar mais alguma coisa ao campo do real. Vejam como a infância e a filosofia, neste sentido, elas são forças, são potências, não são ausências. Às vezes se diz a partir da etimologia, que a filosofia não se preocupa tanto com a afirmação de uma verdade, às vezes se diz que isto seria uma debilidade, uma fraqueza, como se diz também que a infância enquanto ausência da linguagem seria também uma debilidade, uma fraqueza. Vejam bem, desta lógica que eu estou propondo tanto a filosofia quando a infância como possibilidade e como potência, são uma potência que expande uma vida, que expande o que se mostra como único, para muitas outras possibilidades, porque de fato, vocês sabem, a infância não é ausência de palavra, a infância é outra palavra, que às vezes não se quer ouvir,



## O pensar na escola: o que pode a filosofia?

KOHAN, Walter O.

não se quer entender, é uma outra língua, é uma língua estrangeira, é uma língua que se fala, outra língua daquela que predominantemente se fala. Então este é o primeiro ponto. A filosofia é a infância do pensamento porque quando filosofamos tudo é possível, tudo pode ser de outra maneira e se alguma coisa não pode ser de outra maneira, não há filosofia, é como uma obturação do campo do pensamento. Lyotard dá um segundo ponto, uma segunda razão pela qual a filosofia e a infância, a filosofia é uma infância do pensamento, está tudo bem até aqui?

Ok, então sigamos. Tudo pode ser de outra maneira, até o microfone pode funcionar de outra maneira. (Risos). Jean-François Lyotard diz que a filosofia é a infância do pensamento, diz assim tanto a filosofia como a infância elas são prematuras, é como se elas fossem inconclusas, inacabadas, isso é muito bonito, porque isso também, a princípio, pode ser pensando como uma falta, como uma ausência, como um defeito, mas Lyotard vê isso como uma força, como uma potência. Eu não sei se vocês leram o livro de Jean-François Lyotard, *O inumano: considerações sobre o tempo*, nesse livro Lyotard diz que há duas formas do inumano, uma é o inumano do sistema, do capital, que ele quer simplesmente se reproduzir, segundo a lógica do consumo e que ele quer se completar, acabar, terminar, ou seja, o sistema enquanto uma força insensível à diferença, insensível ao que se resiste a entrar nesta totalidade, mas ele ainda diz que há uma segunda forma do inumano que é a *infantia*, *infantia* com “t”, como a palavra latina, a *infantia* como forma do inumano, diz Lyotard, é a dívida que todo ser humano contrai pelo fato de ter abandonado o não-ser para nascer na vida, ou seja, todos nós aqui, todo mundo aqui nasceu um dia, mas ninguém aqui decidiu nascer, a nenhum de nós perguntaram se queríamos nascer, alguém aqui foi perguntado se queria nascer? Não se lembra? Então, se fomos perguntados, não nos lembramos. “Como vou saber se não escolhi nascer?” muito bom, podemos saber quem escolheu nascer?

**PROF. HASIDO:** Minha pergunta é: como podemos saber se não escolhemos nascer?

**PROF. WALTER:** Aí eu respondo com outra pergunta, como podemos saber se escolhemos nascer?

**PROF. HASIDO:** Você responde primeiro depois eu respondo.

**PROF. WALTER:** Então, eu lhe digo a infância é a dívida que todos contraímos, vamos deixar a pergunta em suspenso, sabendo ou não sabendo, ou seja, todos nós

## O pensar na escola: o que pode a filosofia?

KOHAN, Walter O.

escolhendo ou não, sabendo ou não sabendo, abandonamos o ser para chegar ao não ser e mantemos essa dívida, com o não-ser, que ele chama de *infantia* e diz: “Uma das tarefas é tentar não esquecer essa dívida”. Porque? Porque essa dívida, ela não é uma ausência, uma negação. Lyotard diz que essa dívida que temos com o não-ser, do ser com o não-ser, essa dívida que é a infância, na verdade ela é uma potência porque ela pode ser uma forma de resistência à pretensão do sistema a fechar-se sobre si próprio, a totalizar, a não deixar nada incompleto então a filosofia como a infância, enquanto prematuras, enquanto inacabadas, podem ser formas de resistência.

Enquanto incompletas seriam uma forma afirmativa de resistência, não incompletude como falta, não incompletude como ausência, mas incompletude como resistência a um sistema que pretende se completar, fechar, que quer coisas sempre dentro de uma lógica. Então, essas são as duas características de Lyotard, que dizem que a Filosofia e a Infância se aproximam, que a filosofia é a infância do pensamento e vocês também podem, se querem, ir pensando qual pode ser o sentido disso na escola hoje, inclusive na escola, por que não estou falando assim de infância como uma etapa cronológica, não necessariamente estou falando da filosofia com crianças. Penso que isso que Lyotard está dizendo, mostra a todas as pessoas, sobretudo aos filósofos que despreciam a infância, que na verdade se despreciam a si próprios ou despreciam uma dimensão do pensamento... que podemos afastar da filosofia, mas quando a afastamos perdendo alguma coisa que é substantiva da filosofia, ou seja, quando um filósofo se recusa à infância, recusa também uma dimensão da filosofia, por que a filosofia é infância, não no sentido de uma idade, mas nesse sentido da potência incompletude, ou da potência da possibilidade. Por isso que eu não sei falar de infância sem falar da filosofia, de falar de filosofia sem falar de infância... estou tentando mostrar condições ou dimensões, ou possibilidades para a filosofia que se pode fazer em qualquer idade, que a ver com a filosofia como uma experiência de pensamento, se tenha 5 anos, 10, 15, 50, 80 ou o que seja. A filosofia é infantil não pela sua idade, mas pela potência que se desdobra no pensamento e que é uma potência que a filosofia compartilha com a infância. Então vejam que, deixar a infância de fora não é pouco o preço que os filósofos pagam quando fazem isso.

Eu queria acrescentar duas características, de porque a filosofia é a infância do pensamento. São duas características que não dizem respeito apenas à questão cronológica, que não tem a ver apenas com crianças, temos ainda uns 15 minutos, segundo a proposta

## O pensar na escola: o que pode a filosofia?

KOHAN, Walter O.

inicial, não é? Então vou apresentar essas duas e passamos às perguntas, a tentar responder as perguntas e ver quem começa. Uma terceira característica a filosofia é a infância do pensamento, diz respeito, eu chamaria, a uma coisa que mencionei agora: a estrangeiridade, ou seja, a filosofia e a infância, as duas falam uma certa língua estrangeira no próprio pensamento. A filosofia não fala a língua da ciência, não fala a língua do saber que se transmite. É difícil transmitir a filosofia. Lembram vocês, aquelas antinomias da disciplina filosófica, de Jacques Derrida, uma das antinomias diz: “A filosofia não pode não ser ensinada, mas ao mesmo tempo o gesto mais apropriado, mais filosófico, não é ensinável, não se pode ensinar”. Ou seja, a filosofia não pode não ser ensinada e também não pode ser ensinada. É uma das antinomias, por que? Porque uma filosofia que não se ensina, que não se coloca na sua dimensão educacional pouco sentido faz enquanto exercício do pensamento que impacta o pensamento, que pretende impactar o pensamento do outro. Mas, por outro lado, quando ela se institucionaliza, na verdade o próprio ato de se inscrever no pensamento de filosofar, não de transmitir um saber filosófico, mas o ato de filosofar é intransmissível, ninguém pode filosofar por outro, é aquilo que falei antes sobre a pergunta. Ninguém pode perguntar por outro. Posso repetir as perguntas do outro, mas, nesse caso, não estou perguntando. Eu posso repetir o pensamento do outro, mas não estou pensando; posso repetir a filosofia do outro, mas não estou filosofando.

Então, do que se trata em filosofia, de reproduzir um pensamento ou de pensar? De reproduzir uma pergunta ou de perguntar? Por isso a filosofia é algo em certo sentido intransmissível, mas ao mesmo tempo precisa ser transmitida, ou seja, fazemos de conta, entramos numa sala de aula como se ela pudesse ser transmitida, sendo que é para ver o efeito que essa transmissão gera, para ver o que ela provoca, para ver as infâncias, ou os inícios que ela provoca. Por isso alguns vêem a filosofia como estrangeira na escola, os professores de filosofia, muitos, se percebem como estrangeiros, como estranhos, como quem faz uma coisa que não se dá muito bem com outros professores, tem uma relação ao saber particular, a filosofia é “*philo - sophia*”, não é somente *sophia*, não é saber, é desejo de saber, paixão do saber, amizade do saber. Então a filosofia é uma coisa muito estranha e quase, é “*philo*”, um *pathos*, um afeto, algo da ordem da sensibilidade, não é apenas pensamento dissociável, então, essa também é a força da filosofia e é uma potência, não é um problema, é a potência da diferença, é a potência do estrangeiro, de quem fala outra

## O pensar na escola: o que pode a filosofia?

KOHAN, Walter O.

língua e que pode ajudar-nos a pensar de outra maneira se não vemos ele como uma ameaça... (Risos).

E estou rindo porque sou estrangeiro né? Vocês devem estar pensando: “Ah, ele está falando isso para que nós não vejamos ele como um estranho...” Não estou falando de mim. E estou falando de estrangeiro não no sentido de que fale outra língua, tipo espanhol, português, inglês, não. Estrangeiro no sentido de que é aquele que pensa outro pensamento, é aquele que pergunta outra pergunta, que questiona outro questionamento. Então essa é uma força da filosofia que eu chamaria de estrangeiridade. E a última coisa que vou falar, tenho ainda 10 minutos e justamente vou falar do tempo. A filosofia e a infância compartilham uma mesma temporalidade. Isso é muito bonito de pensar e muito pouco tempo. Vou tentar ser sintético porque é super complexo. Vocês sabem que pelo menos para os antigos gregos, eles tinham três palavras para Tempo. Uma que é o *Kairós*, que mencionamos com Marcos momento oportuno, quando Marcos foi à Mossoró, era o momento, era o *Kairós*, ou seja, há momentos diferentes de outros momentos, momentos únicos, em que ou você faz uma coisa nesse momento ou nunca mais faz. Ou então, coisas que são muito interessantes, às vezes, propostas de projetos, trabalho, mas que não vem num momento oportuno e não podemos fazê-los, não por que não sejam interessantes, mas porque o momento, o tempo não é. Bom, esse é um tempo. Há outro tempo, o *Chronos*, que é o tempo, dos números, Aristóteles diz: o número dos movimentos, o segundo, o antes e o depois, ou seja, há movimento, numeramos esse movimento e esse movimento que enumeramos chamamos tempo, como *Chronos*. O movimento que já foi é o passado, um movimento por vir é o futuro. O presente é um limite.

Em *Chronos* não há presente, por que se tempo é movimento, o movimento não para, então há movimentos que já foram e os movimentos por vir, mas, tentem ficar detidos no presente, tentem parar um movimento, tentem parar um relógio, tentem parar o tempo, o que é impossível. O agora é um instante, efêmero, é uma dobradiça, é um limite, a matéria do tempo é o que foi e o que virá. O momento que passara e o que virá. Esse tempo *Chronos* que é consecutivo, sucessivo, irreversível, ou seja, é um, dois, três, quatro, janeiro, fevereiro, março... não tem como chegar a 2017 até que não acabe esse ano horrível que estamos vivendo, mas não tem como. Ou seja, tem que terminar dezembro para que comece janeiro. Tem que terminar janeiro para que comece fevereiro. Não há como pular. Não há como passar de fevereiro a abril, não há como voltar atrás, é irreversível. Você pode tentar fazer

## O pensar na escola: o que pode a filosofia?

KOHAN, Walter O.

outra coisa a partir do que você fez, mas você não pode fazer de novo como se não tivesse feito, tem que fazer para corrigir, mas não tem que fazer como se não tivesse feito. Sucessivo, consecutivo e irreversível. Assim é o tempo da escola. Assim é o tempo da vida pensada como etapas, ou seja, como se a infância fosse primeira etapa, depois adolescência, depois juventude, como uma linha que fossêmos percorrendo, por isso colocamos as crianças em Jardim Infantil numa idade, no Ensino Fundamental em outra, no Ensino Médio, que agora querem castigar com essa reforma absurda da qual falaremos amanhã. Depois o Ensino Universitário e tudo organizado em *Chronos*, tudo uma organização de *Chronos* e às vezes se quer colocar uma vida humana ali também, se quer colocar como se a vida fosse isso, movimento em etapas, passado, futuro. Nós que vivemos mais, temos mais passado e menos futuro. Rodrigo tem muito futuro e tem um passado respeitável, mas nem tanto em quantidade, um futuro glorioso, musical, assim por diante, vamos ver que assim é que medimos *Chronos*, a vida como quantidade de momentos. Momentos numerados e só quantidade de momentos.

Mas tem outro tempo que se chama *Aión*. Há um fragmento de Heráclito muito bonito, onde Heráclito relaciona *Aión* com a infância e por isso quero dizer que *Aión* é o tempo da infância e o tempo da filosofia. E o que eu quero dizer é que parte das dificuldades da filosofia na escola, é que a filosofia não acontece em *Chronos*, *Chronos* não é tempo do pensamento. *Chronos* é o tempo da ciência, e é muito bom, e o tempo do conhecimento ajuda em muitas coisas, por exemplo: todos vocês aqui chegaram na mesma hora por *Chronos*. Se temos um problema, sei lá, uma doença e vamos ao médico, ele vai dizer “toma esse medicamento de 4 em 4 horas”. Isso é *Chronos*. Graças a *Chronos* podemos ter um tratamento. Graças a *Chronos* podemos ir de avião, ir a onde for. Imagina sem *Chronos*, ou seja, a ciência para conhecer *Chronos* é fundamental, mas, para pensar, *Chronos* não é tão interessante. E vejam o que disse Heráclito, no fragmento 52, diz *Aión*, ou seja, o tempo, diz uma palavra grega que é *país*, é a palavra que significa criança, é de onde vem *paideia*, que é o que se faz com uma criança, diz Heráclito: *Aión*, (*país*, *paizo*). Ou seja, o tempo é uma criança que *crianceia*, ou seja, que faz o que uma criança faz, muitos traduzem por brincar, uma criança que brinca, se é o que uma criança faz. Mas, nós vimos que uma criança toca música muito bem e não só brinca com a música, toca música muito seriamente, então seria melhor deixar “crianceia”, embora seja um verbo que temos que inventar, *Aión*, o tempo, é uma criança que “crianceia”, ou seja, *Aión* é o tempo da infância. É o tempo da primeira vez. É o tempo

## O pensar na escola: o que pode a filosofia?

KOHAN, Walter O.

da arte, da criação, é o tempo da música. Pois, se para uma criança nós dizemos: “olha você tem 10 minutos para brincar.” É um assassinato! É outra lógica, ou seja, o brincar não funciona em *Chronos*. Quando você brinca, você perde a noção do tempo cronológico, da mesma forma quando está numa experiência estética, por exemplo, se você está contemplando um pôr do sol, hoje tinha um sol maravilhoso aqui, quando eu estava chegando de carro, a cidade, eu não sei se vocês viram, o sol assim, gigante no horizonte, maravilhoso! Ai quando a gente vê algo assim perdemos a noção do tempo cronológico, entramos em outro tempo. Eu não sei se o sol demorou 1 minuto ou 15 minutos ou uma 1 hora em se pôr, porque a experiência foi tão intensa que justamente é qualitativa, não é quantitativa, esqueci dos números do movimento, é tempo de imersão e não de extensão. Da mesma forma quando estamos numa peça de teatro, quando a peça é bonita, ninguém olha o relógio, porque o tempo passa rápido, porque estamos comprometidos, porque estamos implicados, como disse Reilta, incorporados na experiência; agora se a peça não é boa, o tempo não passa, demora para passar, porque temos outra relação com o tempo.

*Aión* é como se fosse o tempo da arte, o tempo da música é também o tempo do pensamento, da filosofia, quando começamos a pensar, na amizade no amor, na justiça, no que seja, ninguém quer marcar isso com o tempo cronológico. Podemos dizer: “olha em 10 minutos você pense o que é a amizade.” É absurdo, ou seja, eu posso responder o que eu conheço sobre a amizade a partir do que tenho lido, mas digo de novo, isso não é pensar, isto é reproduzir o que os outros pensam. Então, agora vamos olhar para o *Chronos*, dar tempo e respeitá-lo, porque *Chronos* é importante, ele é devorador, lembram? Então com *Chronos* não se brinca! *Chronos* quando fica bravo é perigoso.

Então já terminamos, são quase as 21 horas, esta seria a última relação que eu queria fazer, a filosofia é a infância do pensamento porque compartilha um mesmo tempo que a infância, que é o tempo *aiónico*, que é o tempo da arte, da experiência, daquilo que afeta, daquilo que me transforma e não daquilo que eu reproduzo, então é possibilidade, precariedade, completude, estrangeridade, tempo da experiência, da intensidade.

Eu quis oferecer para vocês em que medida a filosofia e a infância se relacionam, e a filosofia e a infância se relacionam muitas vezes como se diz porque a filosofia contribui na educação das crianças, sim, tudo bem, mas isso não é a parte mais fundamental, ao meu ver, da relação entre filosofia e infância. Para mim, a relação mais importante entre a filosofia e a

## O pensar na escola: o que pode a filosofia?

KOHAN, Walter O.

infância é que a filosofia é profundamente infantil e a infância profundamente filosófica, e se descuidamos a infância estamos indiretamente descuidando também a filosofia. Por isso, na verdade, o sentido principal que eu quis dizer é de não descuidar da infância, de cuidar da infância como se através da infância estivéssemos cuidando da própria filosofia. Obrigado pela atenção, obrigado por não terem olhado muito o relógio e fico à disposição para as perguntas que vocês queiram fazer.

**ESTUDANTE RONILDO:** Boa noite professor Walter, meu nome é Ronildo, sou estudante de Filosofia da Universidade de Campina Grande, na Paraíba. Quero dizer da minha alegria em conhecê-lo! E assim, quando o senhor estava colocando as suas ideias a todo tempo eu ficava pensando sobre essa relação de infância com filosofia e lembrando do texto de Lyotard, que se chama *O Pós – Moderno: explicado às crianças*, onde ele traz um conceito, mais propriamente uma imagem da relação da filosofia com a infância, que é a imagem do recomeçar. Então quando o senhor vai trazendo essa relação da filosofia com a infância do pensamento, eu ficava aqui tentando relacionar esse recomeçar com esta nova palavra que o senhor está começando a pesquisar, a pensar sobre ela, que é a palavra “inventar”. Então, não seria esse inventar, um recomeçar que o Lyotard já apresenta, no sentido de que o professor a todo tempo na sua prática em sala de aula ele não estaria recomeçando? Assim como a criança que sempre necessita de seu próprio espírito lhe faz recomeçar sempre, é sempre algo novo? Então, quando a professora que estava aqui e não está mais, ela falava, ela tinha essa inquietude sobre o improvisar, sobre a improvisação. Eu ficava pensando, não é um simples improvisar, não é um improvisar no sentido de que a normalmente a gente entende. Mas, é um improvisar no sentido de um recomeçar, que quando o professor na sua prática em sala de aula ele é confrontado com uma pergunta de um estudante, com um pensamento de um estudante, o professor ele sente a vontade de voltar, aquilo que eu diria ao espírito de criança, ao espírito da infância, dele recomeçar, dele experimentar seu próprio pensamento e aí eu tenho uma pergunta: o inventar também não seria uma maneira do professor voltar à infância? Ao seu espírito, ao seu recomeçar?

**PROF. WALTER:** Obrigado pela pergunta, Ronildo. De fato, eu estava pensando alguma coisa aqui e você agora com a pergunta, que na verdade não é uma pergunta, é uma sugestão, quase, de alguma forma diz que eu estava pensando por ali, sim, de fato, Lyotard e eu também, não sei se eu falei, mas é desse mesmo livro de Lyotard, *O Pós – Moderno: explicado*

## O pensar na escola: o que pode a filosofia?

KOHAN, Walter O.

às crianças, tem um *excursus*, um apêndice que chama-se “sobre o curso em filosofia”, nesse apêndice ele desenvolve a ideia de que a filosofia é a infância do pensamento.

Agora essa potência do recomeço, que você coloca, eu acho precioso também, muito precioso também, muito bonito porque uma das maneiras de pensar a infância é a partir de sua potência de recomeço, ou seja, isso que uma criança geralmente faz, de perguntar, como se nunca tivesse ninguém perguntado isso, ou como se ela nunca tivesse pensado, porque de fato pensa pela primeira vez. Então, é como se o que para nós de alguma forma já foi pensando, de alguma forma, o perguntar de uma criança interrompe e diz “não”. Precisamos começar a pensar de novo. Precisamos recomeçar. Ou seja, precisamos pensar como se fosse a primeira vez que pensamos, precisamos pensar como se nunca tivéssemos pensando. Que é um pouco do que a filosofia faz, quando um filósofo se coloca um problema, embora encontra muito sentido na tradição filosófica que pensou esse problema, de algum modo, de alguma forma, ele pensa esse problema profundamente como se ninguém tivesse pensando antes, quando ele se inscreve como autor, ou como interlocutor desse problema. Considero que a tua pergunta, que não é pergunta, é muito interessante a sugestão de que a invenção seria uma potência de recomeço, porque justamente eu pensava que a invenção é como se ela fosse uma condição do recomeçar, porque a invenção tem a ver com a sensibilidade, então se tu não deixas chegar ao pensamento algo de fora, por onde passará a recomeçar, como recomeçar sem invenção?

Então, a invenção seria como a condição de se colocar em aberto para suspender o que pensamos e a partir do que chega pela invenção, do que chega dentro, pode voltar a começar a pensar, poder voltar a recomeçar, então obrigado porque é super inspiradora essa maneira de relacionar invenção e recomeço.

**PROF. TEIXEIRA:** Boa noite Walter, eu queria perguntar sobre a ideia do tempo da infância, o tempo da filosofia e o tempo da escola. Na coluna da ANPOF um dos professores de filosofia, um dos filósofos não me recordo de onde, ele sustentou e vem sustentando que, a filosofia não deveria estar na escola, porque essa pretensão do filósofo em querer que a filosofia esteja na escola é basicamente, seria basicamente a mesma pretensão de um advogado querer que o direito também fosse ensinado. E vejo que você tocou no assunto de que a filosofia pode às vezes não dá certo na escola porque a filosofia não está vivendo um tempo cronológico, talvez a escola viva mais um tempo cronológico do que



## O pensar na escola: o que pode a filosofia?

KOHAN, Walter O.

*aiônico*. Aí é uma provocação nesse sentido. Então, de fato, se filosofia e a escola estão vivendo tempos diferentes, de fato a filosofia não deveria estar na escola?

**PROF. WALTER:** Obrigado Teixeira, ótima pergunta também. Ótima pergunta, estou ficando super feliz porque... Rodrigo quer fazer uma pergunta?

**RODRIGO:** É, queria que o senhor me respondesse nesse Governo agora, atual, como é que a gente pode caracterizar o descarte da filosofia na educação brasileira, como é que a gente pode descrever isso? Esse descarte.

**PROF. WALTER:** Como a gente pode caracterizar que a filosofia é descartada na educação brasileira? Você conhece muito palavrão? Você conhece palavrões?

**RODRIGO (Criança):** Não.

**PROF. WALTER:** Não conhece nenhum? Bom, então não vou poder responder, porque isso é uma sacanagem. O que querem fazer com a filosofia é uma coisa muito mal, é uma palavra muito má. Na verdade, é assim, como um, é como se você dissesse: “ah, a filosofia tem a ver com o pensamento, como não interessa pensar então não interessa a filosofia. Como temos descaso com o pensamento, temos descaso com a filosofia.” É muito ruim isso.

Agora a relação entre filosofia e escola é muito interessante, é muito complexa, tua pergunta é ótima porque torna possível, permite que se possa pensar em várias dimensões, ou seja, por um lado uma maneira de responder seria: a escola tem um tempo cronológico que fecha, é um tempo previsível, é um tempo digamos objetivo, que é igual para todos, sistemático e lembra o que dizíamos agora. A filosofia, como incompletude, é uma resistência ao sistema que se fecha, então a presença da filosofia, dentro dessa lógica, pode ser vista justamente como a presença de algo que, sendo tão diferente, sendo aparentemente tão contrastante é necessário para que aqui ela não se complete em si mesma, é para resistir a lógica de um tempo, essa seria uma maneira, agora deixe apresentar outra maneira.

Nós trabalhávamos no NEFI, o nosso grupo muito com um filósofo belga, pedagogo belga, que se chama Jan Massclein, que escreveu um livro que chama-se *Em defesa da escola* também Simón Rodríguez trabalha com a etimologia da palavra escola, que vem de uma palavra grega *scholé*, e Simón Rodríguez no início do século XIX diz: “Digam todo o ruim que vocês queiram para aqueles que fazem negócio com a escola.” A palavra escola vem do

## O pensar na escola: o que pode a filosofia?

KOHAN, Walter O.

grego *scholé*, que significa tempo livre, vejam que é uma palavra que tem relação com o tempo também. Tempo livre. *Scholé*, tempo livre. E que é um tempo que se parece muito mais a *Aión* do que a *Chronos*, ai já temos mais uma conexão, ou seja o tempo da escola, não da instituição escolar, não o tempo que vemos agora nas escolas, mas o tempo que a etimologia da palavra “escola” rememora na sua origem que é uma temporalidade não cronológica, ou seja, a escola nasce como um espaço para diferenciar duas experiências de tempo: fora da escola, o tempo deve ser produtivo, ou seja, no mundo do trabalho preciso justificar perante quem paga meu salário o que produzi e como usei o meu tempo.

Eu não sou livre para fazer o que eu quero no uso do tempo, eu tenho que produzir, eu tenho que justificar, o que fiz para ser pago por isso. Então a escola nasce como um espaço onde as pessoas podem perder tempo, o tempo está liberado dessa produtividade, o tempo vale pelo próprio tempo, ou seja pela própria formação, é o tempo do estudo, da leitura, da pesquisa, ou seja, quando ela é verdadeira não se faz com um sentido utilitário, ou produtivo, se faz pelo próprio valor que ela tem, é importante ler pela própria leitura, é importante estudar pelo próprio estudo e etc.

Então mais uma conexão, ou seja, o tempo da escola como uma forma se aproximar mais do tempo da filosofia do que do tempo da ciência, digamos assim. Mas, por outro lado, Simón Rodríguez diz assim: “Os latinos traduziram *scholé* por *otium*, ou seja, quem faz negócio com a escola, *otium*, nega a própria escola, porque a escola é justamente o lugar do ócio, do tempo livre, fazer negócio é fazer uma anti-escola, então mais uma razão para pensar que o tempo da filosofia é o tempo da escola nesse sentido não institucional.

E uma outra coisa, na verdade se a escola digamos assim, a escola institucionalizada ela é muito cronológica, vocês imaginam, como perguntou o Rodrigo, imagina uma escola sem filosofia? Ou seja, imaginam uma escola apenas com o tempo para reproduzir a lógica de certo conhecimento, certa temporalidade, ou seja, sem parar para pensar se é perder tempo e fazer alguma coisa que só tem sentido por ela própria e não pelo que produz? Então, penso que ai há uma proximidade política da filosofia com a escola, que o sentido desta outra temporalidade filosófica não é só compatível, é necessária, porque, é justamente isso que está em jogo quando se diz “Escola com filosofia” e “Escola sem filosofia”, assim, a filosofia, a arte, a educação física, o trabalho do corpo, é curioso. Obrigado Teixeira. Quem mais quer fazer uma pergunta?

## O pensar na escola: o que pode a filosofia?

KOHAN, Walter O.

**ESTUDANTE RONEY:** Boa noite professor Walter! Me chamo Roney, ainda nessa relação de filosofia e escola, e principalmente, olhando para o cenário que nós estamos vivendo, de que corremos um grande risco de que a filosofia justamente possa sair deste cenário, sair da escola! E fazendo esta leitura, desses desafios que nós enfrentamos já de levar para a escola do Ensino Médio, por exemplo, uma prática do filosofar, tendo em vista que a filosofia se torna cada vez mais uma disciplina conteudista, como é possível então pensar na filosofia para crianças na escola, é possível? É possível pensar, é possível trazer justamente para este cenário, diante do que nós estamos vivendo?

**PROF. WALTER:** Então, sua pergunta é difícil assim, porque o cenário que nós estamos vivendo é o pior possível. Ou seja, é um cenário autoritário, repressivo, então é o pior cenário possível, para a educação, para a filosofia, para o pensamento. Acredito que é um momento de resistência, que é um momento de confrontação, de afirmação de um espaço que está sendo xingado, reprimido, agora como isso se faz é muito difícil respondê-lo. E também não acredito que tenha uma resposta que possa ser transferida de um contexto para outro. Então, também é um trabalho de cada um dos grupos, dos coletivos. Ao mesmo tempo a filosofia para crianças, com crianças, eu não gosto muito de falar “para crianças”, porque me parece que quando alguém diz “para crianças” estabelece uma relação de exterioridade, como se levasse uma coisa que está fora para elas. Na verdade, a filosofia como exercício de pensamento é uma coisa que se faz com o outro, nunca para outro. Se alguém diz “para outro” é suspeito, que talvez o outro não esteja envolvido no próprio exercício. Então no sentido “com crianças” talvez seja mais fácil pensar, porque não existe, digamos assim, essa obstinação política em tirar a filosofia como uma disciplina pela tradição inovadora que ela tem no ensino fundamental, então, talvez, a filosofia com crianças, seja até mais fácil, mas viável.

Hoje pensar a presença da filosofia não como disciplina, é claro, mas sim como essa experiência de pensamento, sobretudo na formação dos professores da escola básica, da educação infantil e da educação fundamental. E mais uma coisa, sobre a educação infantil, que tem a ver com o tempo, eu penso assim, pelo o que eu conheço da formação de professores de todos os seguimentos de ensino, que a educação infantil é o segmento que mais se aproxima dessa vivência, dessa experiência filosofia como infância do pensamento, é o segmento onde o tempo é mais livre no sentido de que está menos pressionado pela

## O pensar na escola: o que pode a filosofia?

KOHAN, Walter O.

incorporação de conteúdo e as crianças porque passaram menos pela escola têm uma relação também aberta e mais livre com seu próprio pensamento.

Então se você me provoca um pouco mais eu diria que até mais ainda na educação infantil, é mais possível, mais interessante, ou mais importante porque, digamos, de fato, é onde a filosofia se encontra mais à vontade hoje na escola, eu diria sem dúvida, a filosofia se sente muito mais à vontade na escola infantil, que na educação fundamental, na média e na superior e assim por diante, a filosofia como uma experiência do pensamento, não como tradição da história das ideias. Então, mais alguma pergunta?

**PROFA. REDE PÚBLICA:** Você provocou né, provocou na gente desde o começo da sua fala essa coisa da gente na realidade improvisar, a tua provocação foi neste sentido e como estou num período muito sucessível de provocações, porque estou aberta para as provocações, no sentido filosófico. Eu fiquei pensando na formação dos professores, eu não vou aí para o campo da filosofia, voltada para a infância, mas talvez para uma infância que ainda precisa ser vivenciada nos bancos das universidades. Porque fico pensando: já que filosofia é igual, a gente pode pensar a filosofia como a infância do pensar, eu penso que na formação dos professores de filosofia, essa infância precisa ser resgatada, dentro da própria formação dos currículos, porque esses estão muito engessados, ainda estão muito adultos demais. É essa dimensão do não-ser, essa possibilidade do improvisar, ela está muito complicada. Então, eu gostaria que você, partindo até de seu trabalho, que tu vem apresentando para a gente, de uma forma tão preciosa e profunda, me desse um alento nessa ideia, como é que a gente pode também pensar no resgate da infância do pensar, do improvisar, dentro de um processo de formação de professores de filosofia.

**PROF. WALTER:** Muito boa a pergunta, e agradeço muito pela sensibilidade. É muito importante sim, é muito importante as perguntas que vocês estão fazendo. Eu respondo para poder continuarmos, são perguntas ótimas. E a formação de professores, diria, não somente de professores de filosofia, mas, deles também! Se a filosofia é a infância do pensamento, então, toda disciplina pode encontrar sua infância, pode encontrar a potência do recomeço, ou seja, não é só na filosofia que interessa recomeçar, ou não é só na filosofia que importa recomeçar. E então, claro, o como é difícil de responder, o como é difícil, o como é o caminho, o como é a maneira, isso é difícil responder, pois trata-se de um “como” e o como é sempre de alguém, para um outro, é difícil dizer o como! Penso que cada um tem

### O pensar na escola: o que pode a filosofia?

KOHAN, Walter O.

que encontrar o seu “como”. Agora uma coisa que eu poderia te dizer, para não dizer nada, para te dizer alguma coisa, é que eu penso que há certas condições desse como, ou seja, tem a ver também com o “como ensinamos”, “como aprendemos”, “o que se aprende”. Mais ou menos aquilo que eu já falava no início: o que se aprende quando se aprende? Porque, se eu falo por exemplo, para um professor, vamos supor, um curso de formação de professores, eu digo: “olha é importantíssima a improvisação.” Mas, falo uma coisa que já vi, que já sei e não improviso, é um pouco suspeito. Se falo do valor da invenção, mas, quando alguém me diz uma coisa de fora, eu me fecho e não deixo essa coisa entrar, eu estaria impedindo esse “como”, entendem?

O que penso é que, não sei o como o “como” é, mas é um exercício que não pode estar dissociado daquilo que estamos afirmando. Um professor aprende a ser professor dos seus professores, nós somos professores a partir da experiência de outros professores que tivemos. Então, na formação de professores é como o mais importante é exagerar no “cuidado com”, que a maneira como nos colocamos seja coerente com aquilo que afirmamos..., ou seja, se afirmamos que a filosofia é a infância do pensamento e não nos atrevemos a começar nada, se quando alguém começa uma coisa, cortamos esse início, esse pensamento ... Penso, então que “cuidar” seria o mais próximo do que quero dizer, não sei o “como”, pois esse será de cada um, mas vivenciar, colocar nossa atenção nesse “cuidar” para que o que afirmamos não seja dissociado da maneira com que propiciamos a formação. É alguma coisa? Sei que não é muito!

**PROF. HASIDO:** Boa noite Walter, obrigado pela oportunidade! Eu vou refazer a minha pergunta como se estivesse começando do zero, depois de todas as ponderações, de todas as considerações. A princípio eu fiquei pensando, é muito ingênuo e indelicado interromper o professor para perguntar a ele, se ele sabe como a gente pode saber se escolheu ou não nascer. A princípio eu fiquei pensando que relação essa pergunta pode ter com a temática da fala do Walter, e fiquei insistindo e isso ficou na minha mente, insistindo todo o tempo, mas é verdade que isso não é uma pergunta minha, é muito antiga, e nós estamos falando sobre ensinar e aprender, a temática realmente converge para isso. Quem ensina e quem aprende? Como se ensina e como se aprende? E se faço essa pergunta, devo considerar muitas coisas, quem é meu aluno, como ele chega até mim, o que de fato pode a filosofia diante desse aluno. Então parece que eu tenho que considerar tudo o que esse aluno traz e tudo o que trago também e naturalmente eu trago dentro de mim a pergunta desse aluno que

## O pensar na escola: o que pode a filosofia?

KOHAN, Walter O.

está vindo até mim, se ele escolheu ou não nascer. E se ele escolheu ou não estar diante de mim para aprender filosofia, e se de fato a filosofia pode afetar a todos ou não. E se não é, às vezes, um exercício inútil tentar ensinar filosofia a algumas pessoas: a quem de fato eu posso ensinar filosofia? Ou melhor, tentar facilitar a aprendizagem da filosofia? Porque, talvez, eu não possa ensinar filosofia, é isso.

**PROF. WALTER:** Eu lhe agradeço, porque não sei a impressão que deu, mas de fato achei muito importante a sua pergunta, porque eu estava pressupondo demais, ou seja, a pergunta era muito legítima, mas irrespondível, por isso eu respondi com outra pergunta, não por não considera-la, mas porque não poderia responder, não poderia e nem agora, e é bonito o que você disse, porque de fato simbolicamente alguém decidir ou não decidir significa também alguém se inscrever na filosofia, no pensamento, ou seja, a filosofia tem algo a ver com um nascimento, tem algo a ver com provocar um início e é essa a relação da filosofia com a pergunta, através das perguntas, dos problemas, iniciamos ou começamos a pensar. Então isso no contexto de uma escola, onde ninguém decidiu entrar, sinal que todo mundo é forçado a entrar, então isso é mais uma dimensão para considerar na realização que os outros, ou que podemos provocar nos outros com a filosofia.

Agora depois também percebi que na verdade, esse comentário meu, ninguém escolheu nascer, é um pouco também impertinente, não era necessário, ou seja, porque o fato de nós termos chegado ao ser e deixar o não-ser não depende da escolha, a dívida com o não-ser, independe de termos escolhido, então eu acho que você me fez ver que isso que eu estava colocando não era relevante, não era pertinente, e estava até desviando a atenção do problema principal, que é esta coisa que Lyotard afirma de dívida. Lyotard disse uma coisa bonita em outro livro, *O inumano*, ele disse assim: “a tarefa política da arte, da literatura é lembrar que somos infância, é lembrar que temos essa dívida com o não-ser.” E isso é muito mais importante do que a questão da eleição ou não, que é uma coisa mais própria da concepção do sujeito, ou seja, talvez a tarefa política da filosofia possa ser isso também, ou seja, lembrar que não há um sistema perfeito, que não há completude, não há acabamento, que a vida humana tem a ver com afirmar sempre uma incompletude, a impossibilidade de quem quer apresentar a coisa como de uma única maneira e aí, talvez, nasce o interesse, o entusiasmo ou a vida filosófica de alguém... obrigado pela pergunta. Mais alguém?

## O pensar na escola: o que pode a filosofia?

KOHAN, Walter O.

**PROF. GALILEU:** Professor Walter eu queria agradecer pelo exercício do pensar que o senhor proporcionou também hoje. Mas, eu queria fazer uma pergunta, quando o senhor caracterizava a filosofia como a infância do pensar, eu ficava pensando, de fato a filosofia, a gente pode pensar em diversas coisas, em diversas imagens, diversas analogias, aproximações que nos fariam entender a filosofia como a infância do pensar. Mas, a gente poderia pensar outras imagens que nos fizessem a filosofia como a maturidade do pensar, quer dizer, não excludentes as duas coisas, a filosofia como infância do pensar e a filosofia como a maturidade do pensar. Por exemplo, se a gente começar a entender a filosofia como o pensar mais consciente do si mesmo, das suas limitações, das suas possibilidades, então a gente poderia achar que serviria também essa analogia com a maturidade, assim sem tentar discriminar muito os idosos em relação à isso, mas não era bem isso que eu queria, era uma outra pergunta.

Quando você falava que a filosofia não pode ser ensinada e ao mesmo tempo ela não pode não ser ensinada, aí eu perguntava, porque Sílvio Gallo também tocou nesse tema no dia em que ele veio, mas ele falava de um modo geral, do saber em um modo geral, ele dizia: “de modo geral o saber não pode ser ensinado, porque quem de fato passa do não saber ao saber não é professor, não é o professor que faz a passagem é quem está aprendendo.” Então, isso também não aconteceria? É a pergunta que eu faço, com todo outro tipo de saber, não só com a filosofia, mas com qualquer outro tipo de passagem do não saber ao saber?

**PROF. WALTER:** Como é teu nome? Galileu, maravilhoso teu nome. Maravilhoso se chamar Galileu!! (Risos). Pois é, muito boa e muito difícil as duas questões. Obrigado por elas! Ou seja, a filosofia como maturidade eu te diria que sim, claro que pode, mas eu penso que, na verdade eu falei o tempo inteiro em filosofia e na verdade filosofia é filosofias, é uma coisa plural. Então, na verdade eu acrescentei uma maneira limitada, um aspecto do que é a filosofia, agora é claro que em outro sentido e em outra perspectiva a filosofia pode ser vista como maturidade do pensar.

Ao mesmo tempo, eu não gosto da palavra maturidade, porque ela, traz um contexto de evolutivo, como uma coisa que se aprimora e vai evoluindo, eu diria, como qualitativamente hierárquica e penso que é um pouco perigosa porque pode ser usada depois como “você não é maduro o suficiente”, ou “eu sou maduro”, percebe? Eu preferiria por exemplo a palavra complexidade, ou seja, que é um certo sentido o pensamento em sua

## O pensar na escola: o que pode a filosofia?

KOHAN, Walter O.

dimensão, mais complexa, mas sofisticada, poderíamos dizer. E a segunda de sua pergunta é muito boa também, porque, claro num sentido, nenhum saber pode ser ensinado! Na verdade, não há saber a ser ensinado, de verdade! O que se ensina é a relação ao saber, só que aí se confunde muito, os outros saberes com a dimensão filosófica dos outros saberes. Quando dizemos que um saber não pode ser ensinado, estamos dizendo que o saber enquanto tal, não pode ser ensinado porque a dimensão filosófica desse saber não pode ser ensinada. E no fundo seria como Gallo disse, a filosofia não pode ser ensinada. E a segunda, por outro lado, outra coisa que penso que torna ainda mais complexo o problema, é que na filosofia muitas vezes não passamos do não saber ao saber, e sim, do saber ao não saber, ou seja, muitas vezes a aprendizagem mais filosófica não é a que te fornece um saber onde não sabias, mas que te faz desejar saber aquilo que achavas que sabias. Que também é um saber, ou é uma relação ao saber. Ou é uma forma de se relacionar a esse saber, é um saber que você aprende, ou é uma maneira de se reportar a esse saber?

Não precisamos responder, mas é muito bonita a tua pergunta. É difícil porque, no fundo, o que significa saber? O que significa saber alguma coisa? A filosofia sabe? Qual é o saber mais próprio da filosofia? Guisepe Ferraro, um amigo nosso italiano, ele diz uma coisa muito bonita: a filosofia diz (olha é um professor de filosofia da universidade, não é que não sabe, a história da filosofia, mas ele diz): “a filosofia é um saber sem conteúdo.” Ou seja, se pode ensinar com filosofia, mas não se pode ensinar filosofia, se pode ensinar filosofia com filosofia, mas você pode ensinar matemática com filosofia, história com filosofia, ou história sem filosofia, ou matemática sem filosofia, ou filosofia sem filosofia. Então o que é a filosofia? É uma acompanhante, é uma relação, é um saber sem conteúdo? Que como dizer, é um não saber do saber, é um não saber do saber? Lembremos Sócrates, “Só sei que nada sei”, ou seja, quando alguém sabe que não sabe, isso é um saber? Ou é uma relação ao saber? Quando alguém diz que aprende alguma coisa, aprende a saber? Ou aprende a se relacionar ao que sabia de outra maneira? O que se aprende em filosofia? O que aprende quem aprende filosofia? Quem mais? Muito bem, Reilta se sentiu tocada, provocada, afetada?

**PROFA. REILTA:** Provocada, isso, implicada, então, pensar a filosofia como uma experiência do pensamento e tendo a experiência como algo que acontece a cada um. Então, se a experiência do pensamento é algo que só pode acontecer a cada um, como nós professores de filosofia, nós podemos provocar essa experiência do pensamento com nossos alunos, com as nossas crianças, como é que nós podemos provocar essa experiência do



## O pensar na escola: o que pode a filosofia?

KOHAN, Walter O.

pensamento se essa experiência é de cada um. Eu fiquei pensando sobre isso nas colocações que você foi fazendo, é algo que a gente também conversou hoje à tarde, nos dois grupos em que eu estive. Sobre o que é específico da filosofia, que no movimento do pensamento há algo que é específico, e esse movimento do pensamento é uma experiência, e a experiência é de cada um, então se é de cada um, como é que esse movimento do professor, que é de fora do movimento do pensar como experiência de cada um pode provocá-lo? Até que ponto é possível ao professor provocar esse movimento, para que aconteça essa experiência do pensar que é do outro?

**PROF. WALTER:** Também acho que tem várias maneiras de se relacionar com sua pergunta, uma seria questionar que tanto a experiência é de fato de cada um, ou pelo menos, em que medida a experiência não tem uma dimensão que se compartilha, embora é verdade que cada um se posiciona de maneira diferente. Não sei, por um lado, se pode dizer sem mais que a experiência é de cada um e que não há uma dimensão coletiva da experiência, como uma dimensão que atravessa os sujeitos, e que talvez seja mais interessante intervir na experiência pessoal de cada um, isso por um lado, agora mesmo aceitando a próxima coisa, vamos supor que sim, seja uma coisa individual de cada um, eu penso que, digamos, em educação nunca há garantias, nunca há, ou seja, nunca sabemos o que provocamos e é bom que não saibamos porque senão seria perigoso, se alguém soubesse, a experiência que pode provocar esse saber, em mãos de alguns poderia ser extremamente perigoso.

Mas talvez sim, podemos criar algumas condições, ou tentar criar condições para que quem desejar fazer esse exercício possa fazer, ou seja, embora não possamos ensinar uma experiência, garantir uma experiência, possamos sim criar condições, não sei quais são, não é tão fácil dizer, mas estar preocupados para que seja possível fazer experiências e estimulá-las, provoca-las. Então talvez não é de nossa alçada antecipar ou saber ou conhecer ou digamos assim, transmitir algo da ordem da experiência, mas sim, penso que pode ser visto, como nossa responsabilidade, fazer com que a partir de nossa presença em sala de aula, experiências sejam possíveis, sejam estimuladas, sejam vistas como algo interessante. E sejam percebidas como algo sentido que cada um decide, no fundo cada um decide o aprender, felizmente a aprendizagem continua sendo um ato de liberdade, e às vezes, pode não ser o momento, porque às vezes, problematizar alguma coisa pode ser incomodo, pode causar dor, porque é mais tranquilo ficar sem problematizar a vida, do que problematizá-la; às vezes, é

## O pensar na escola: o que pode a filosofia?

KOHAN, Walter O.

uma questão de tempo, de esperar, de estar atento, isso é uma coisa que Masschelein repete muito, Jacotot e Simón Rodríguez também.

A coisa principal na educação é a atenção e isso não é algo que pode ser transmitido. Se eu quero que meus alunos estejam atentos eu preciso estar atento, ou seja, eu posso cuidar da atenção dos meus alunos, posso fazer com que algumas coisas aconteçam para propiciar uma certa atenção e depois cada um decide o que faz com isso. Às vezes nos preocupamos muito em ensinar alguma coisa e não outra, isso Lyotard, Masschelein, e Simón Rodríguez dizem. Masschelein tem uma epigrafe de Simone Weil, num artigo que chama “Ponhamos a caminho”, Masschelein tem uma epigrafe de Simone Weil que diz assim: “A atenção deveria ser o único objetivo da educação.” Ou seja, cuidar de estar atento, não de transmitir alguma coisa, mas estarmos atentos e que os alunos estejam atentos, porque eles aprendem o que eles querem, mas talvez para nós é importante que eles façam isso com atenção. Eu agradeço muito, tem alguém que queira fazer mais alguma pergunta?

**ESTUDANTE MARCOS:** Boa noite, meu nome é Marcos, desde o começo da Semana eu venho ouvindo falar de experiências de Filosofia, se é possível ensinar filosofia, se é possível de fato aprender filosofia. Hoje eu estive num minicurso que tratava do conceito de cuidado de si mesmo, do Foucault, eu fiquei me perguntando, se de fato é possível ensinar filosofia ou não, se é possível aprender filosofia, como seria essa relação? Mas, uma coisa interessante é que sempre ficava um ponto, a filosofia é uma experiência, se for uma experiência é uma experiência particular minha. Nesse sentido a filosofia não ficaria presa só, somente no sentido do estético, que é a única coisa assim singular em cada um de nós? Seria assim, somente os sentidos, como a gente sente alguma coisa, como a gente capta essa coisa, então a filosofia não estaria limitada nesse ponto somente pela apreensão estética, do mundo ou do que está sendo repassado, seria de fato possível dizer que a gente racionaliza o pensamento de outro, a experiência de outro, não ficaríamos presos apenas no sentido estético?

**PROF. WALTER:** Marcos eu penso que não. Na verdade, penso que o cuidado que tu mencionaste tem a ver com a pergunta da Reilta, tu também falaste da experiência como algo particular. Não estou tão seguro disso, que de fato a experiência seja uma coisa tão somente minha, ou que seja também de tantos outros. Todas as nossas experiências não parecem experiências em certo sentido somente nossas, pois que tu precisas tanto dos outros,

**O pensar na escola: o que pode a filosofia?**

KOHAN, Walter O.

e na verdade tu te posicionas, acreditas ou isolas uma série de coisas para poder pensar que é apenas uma coisa tua, inclusive no cuidado de si... Foucault diz que Sócrates ilustra a posição paradoxal do professor de filosofia, porque ele cuida de si, cuidando que os outros cuidem de si, ou seja, olha como isso sem outros não tem sentido nenhum. Então a vida pensada apenas como um cuidado de si tem um sentido narcisista ou egoísta, coisa muito pouco interessante, então, sim a gente poderia isolar outras coisas e ver apenas numa dimensão estética, poderia..., mas, de novo, é uma visão um pouco reducionista, então, tu perguntas: não ficaria a filosofia reduzida? Poderia ficar, mas de forma alguma é necessário e interessante que assim seja, não é a única possibilidade quando se pensa a filosofia dentro dessa lógica do cuidado, ao contrário, poderia ser uma nova maneira de repensar a dimensão política da filosofia, a dimensão ética, a dimensão antropológica, enfim, a dimensão estética seria apenas uma maneira, mas não a única. Obrigado!

**PROFA. REILTA:** Ok. Então nós agradecemos a presença de todos, agradecemos ao professor Walter, por esse movimento do pensamento, que ele nos proporcionou, encerramos essa noite tão bonita e convidamos a todos para continuarmos amanhã.

**PROF. WALTER:** Agradecemos ao Rodrigo pela presença!